

# CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 330/2015

## LEVIATÃ

Há um filme bom no circuito. O filme bom é o que se projeta na alma do espectador e fica a lhe convocar repetidamente o pensamento e o sentimento ao curso dos dias seguintes

Trata-se de “Leviatã”, um filme russo cujo diretor tem bom currículo e um nome impronunciável, e cujo título evoca o assombro do monstro bíblico e o poder absoluto necessário para Hobbes.

O filme realmente tem muito a ver com as evocações do título no seu roteiro e nas suas imagens mas, sobretudo, embora passado num ponto bem remoto, consegue nos remeter a um panorama atual da Rússia como um todo, este país maravilhoso, gigantesco, diversificado e de um caráter forte e singular neste seu todo.

Ao vê-lo desenrolar-se à beira do mar no Círculo Ártico, num tempo entre inverno e verão, de luminosidade crepuscular imutável, sem dia e sem noite, o espectador começa a perceber e sentir toda a Rússia, sua imensidade e sua beleza, seu povo exuberante, diferente, belo e desregulado, com a sua língua sonora e cantante, de expressão dramática. A Rússia e sua vodka indispensável, nutritiva, e sua religião profunda que resistiu a 80 anos de repressão para renascer inteira, com seus cânticos e seus ícones. A Rússia e seus trens famosos, confortáveis, maravilhosos, transiberianos, atravessando a vastidão dos seus espaços e dos seus tempos numa bitola bem larga. A Rússia e sua família tradicional e conflituosa. A Rússia e seu chefe forte e poderoso, o Putin de hoje, o Rasputin de ontem. A Rússia e sua corrupção sistêmica, com seus tribunais egrégios, sérios, respeitados nas suas sentenças corretas, fundadas em dados falsos.

A Rússia invencível de Stalingrado, a Rússia de 1812 cantada por Tchaikovski. A Rússia de Tolstoi e Dostoievski, de Tchekhov, da poesia revolucionária de Maiakovski que eu nunca li. A Rússia de Eisenstein, do Encouraçado Potenkin. A Rússia do Sputnik de Koralev, a Rússia de Mendeleiev.

A Rússia de Lenin, de Trotsky e Stalin, a Rússia do operário Stakanov. A Rússia da Praça Vermelha, da inigualável Catedral de São Basílio, a Rússia de Catarina e Pedro o Grande, a Rússia de São Petersburgo, Leningrado que eu irmanei com o Rio. Fui lá e vi toda aquela larga e espantosa beleza; o prefeito, com enorme bom-senso, dizia-me que sua única dificuldade era que os funcionários tinham todos os seus problemas resolvidos e não precisavam nem queriam trabalhar; a vice-prefeita era a encantadora Valentina, de dentes alvos e sorriso sempre aberto, corpo bem feminino curvoso e volumoso, figura generosa de 80 quilos devia bastar a todo o funcionalismo da cidade.

A Rússia de Boris Godunov, dos Cossacos do Dom e dos barqueiros do Volga, a Rússia de Chaliapin, sua voz. A Rússia de Dersu Uzala com o engenheiro do Czar.

A Rússia de Prestes e Olga Benário, a Rússia hoje parceira do Brasil nos BRICS, quem diria.

Está tudo ali no Leviatã de Zvyagintsev, é só prestar atenção.

---

Roberto Saturnino Braga

Contatos: [saturninobraga@saturninobraga.com.br](mailto:saturninobraga@saturninobraga.com.br)  
[www.saturninobraga.com.br](http://www.saturninobraga.com.br)